

AS IRONIAS DO CONCEITO SOCRÁTICO EM KIERKEGAARD

[THE IRONIES OF SOCRATIC'S CONCEPT IN KIERKEGAARD]

Gabriel Kafure da Rocha

*Doutorando em Filosofia pela UFRN e Professor de Filosofia do Instituto Federal do Sertão
Pernambucano
(E-mail: gabriel.rocha@ifsertao-pe.edu.br)*

Estela Araújo Silva

*Graduanda em Filosofia pela UFPI
(E-mail: estelaaraujosilva@hotmail.com)*

Recebido em: 01 de março de 2018. Aprovado em: 25/05/2018

As ironias do conceito socrático em Kierkegaard

ROCHA, G.K.; SILVA, E. A.

Resumo: O presente artigo visa fazer uma análise do socratismo em *O conceito de Ironia* de Kierkegaard, para isso, pressupomos o valor da ironia na antiguidade e das visões pós-socráticas. Buscamos assim, também, entender essencialmente a relação entre o filósofo e as ironias dos pontos de vista pagão e cristão. Por fim, vimos na visão da morte uma ironia do destino, que por sua vez abre a perspectiva entre o trágico e o cômico. Para tal investigação, utilizamos comentadores como Vergote, Farago, Politis, Stewart e principalmente Reichmann. Dessa maneira, chegaremos ao desfecho no qual Kierkegaard faz a transposição da realidade grega para a atualidade do seu contexto, com a possibilidade do uso adequado de uma ironia controlada.

Palavras-chave: Humor. Cômico. Destino.

Abstract: This article aims to make an analysis of Socratism in Kierkegaard's *Concept of Irony*, for which we presuppose the value of irony in antiquity and post-Socratic visions. We also seek to understand, essentially, the relation between the philosopher and the ironies from the pagan and Christian point of views. Finally, we saw in the vision of death an irony of fate, which in turn opens the perspective between the tragic and the comic. For such investigation, we use commentators like Vergote, Farago, Politis Stewart and mainly Reichmann. In this way, we will arrive at the outcome in which Kierkegaard transposes Greek reality to the actuality of his context, with the possibility of proper use of controlled irony.

Keywords: Humor. Comic. Destiny.

INTRODUÇÃO

Eu representava a ironia da sociedade, o prazer da vida e o prazer mais refinado, mas sem uma pitada de espírito “sério e positivo”; em compensação, era extremamente interessante e mordaz (KIERKEGAARD, 2002, p. 62).

No presente trabalho, procuraremos entender, analisar e discutir a ironia em Kierkegaard (1813-1855), para isso recorreremos à obra *O conceito de Ironia Constantemente Referido a Sócrates* de Søren Kierkegaard, obra essa que se trata de uma dissertação para a sua titulação de mestre¹ defendida em 1841 na universidade de Copenhague. No primeiro momento, para o desenvolvimento deste trabalho, buscamos retomar a análise de Kierkegaard dos textos de Xenofonte, Platão e Aristófanos, para tecer seu conceito de ironia composto pela análise da vida e obra de Sócrates na busca da resposta do questionamento de quem é o Sócrates kierkegaardiano? Logo depois, Kierkegaard recorre à Hegel, Fichte, Schlegel, Tieck e Solger para tratar de outros aspectos de sua ironia, destacando o romantismo pelo qual estes últimos autores citados são conhecidos por serem adeptos deste estilo literário, contudo, não nos focaremos nessa análise, nos retendo mais ao ponto de vista da antiguidade e o socratismo.

O entendimento a respeito da ironia em Sócrates é a base para a construção de sua dialética que será desenvolvida em seu pensamento existencial. Em resumo, é possível dizer que Sócrates mostra de que modo ele circunavegou todo o reino da inteligência e descobriu que o pensamento da época era limitado por um oceano de conhecimento ilusório. Ilusão, abstração e mito, ora, o abstrato arredonda-se com a Ironia.

Kierkegaard tenta apresentar a ironia de Sócrates não apenas como uma figura estilística utilizada pelos literatos e filósofos, mas recriar o gênero como sendo a essência da filosofia socrática. Segundo ele: “O conceito de ironia fez sua entrada no mundo com Sócrates” (KIERKEGAARD, 1991, p. 23).

A ironia, por se tratar de um conceito ambíguo, dá abertura para várias interpretações, especificamente por Kierkegaard, ela é tratada em sua obra como uma dualidade entre

¹ Tal trabalho foi orientado por “Paul Martin Moeller [...] [que] observou, depois, diretamente a K.: ‘você está saturado de espírito polêmico, a um ponto incrível’”. Não era demais, como se pode ver, que ele pensasse numa tese sobre o ‘conceito de Sátira nos antigos e a relação mútua entre os diferentes satíricos romanos’, abandonada por outra ‘o conceito de ironia constantemente referido a Sócrates’, com a qual obteve o grau de ‘*magister artium*’, equiparada em 1854 ao título de doutor” (REICHMANN, p. 255, grifo nosso)

As ironias do conceito socrático em Kierkegaard

ROCHA, G.K.; SILVA, E. A.

fenômeno e conceito, o sério e o jocoso, o real e o ideal, o interior e o exterior. Há precedência para as mais diversas interpretações da ironia, na ocasião de sua publicação, a tese de Kierkegaard foi entendida como uma investigação repartida em duas partes, onde na primeira parte se tratava de Sócrates e na segunda do romantismo.

Sendo essa uma situação que pode causar muita confusão de entendimento ao leitor, a ironia em Sócrates podia ser interpretada de forma equivocada. Nisso, por muitas vezes, a ideia de ironia podia ser vista como um deboche, sarcasmo ou desprezo no qual haveria intenção unicamente de desprezar ou humilhar alguém. Contudo, Sócrates “tendo visto com ironia através das vaidades da finitude chegou às ideias eternas do belo, do verdadeiro e do bem... A ideia do bem... torna-se ponto de partida para a filosofia de vida ética de Sócrates” (KIERKEGAARD apud GOUVEIA, 2006, p. 258)²

A ironia de Sócrates está relacionada com seu método de diálogo, pelo qual a mediação dos questionamentos, fazia vir à luz a consciência de ignorância entre os interlocutores de Sócrates. Seus ouvintes, tendo passado pelo método da maiêutica, ou seja, pela arte de perguntar, tinham nessa ação a expressão exata do método de filosofar irônico.

A ironia é vista como um evento que ocorre no âmbito do discurso ou, em outras palavras, a ironia pertence ao discurso. Mas isso é precisamente o que Kierkegaard rejeita. Sobre os conceitos de ironia, ele se esforça para afastar a ironia do discurso, revelando-o como o fenômeno que diz respeito a toda a existência pessoal de um indivíduo ou, em outras palavras, como ação ética (OUBINHA, 2013, p. 93).

Nesse contexto da diferença ética de Sócrates, sabemos que ao contrário dos sofistas, ele não só valorizava a conversação, mas na própria reflexão filosófica do que consiste a ação de falar e ouvir, locutor e interlocutor estariam unidos na construção do saber. Sócrates valorizava a troca, e nesse processo de perguntas e respostas era feito o parto da própria consciência de si, do reconhecimento de sua ignorância quanto ao nada condicional do saber.

Sua ironia tem consistência no dizer que “nada sabe”, o que mostra um exemplo da subjetividade. Para Kierkegaard, a ironia, mais do que qualquer outro efeito de sentido produzido, só se consubstancia na subjetividade. É neste sentido que Kierkegaard viu o

² Por se tratar de uma referência dos *Journals and Papers* IV, nota 696 e pela dificuldade em referenciar essas citações preferimos mantê-la como apud.

As ironias do conceito socrático em Kierkegaard
ROCHA, G.K.; SILVA, E. A.

diálogo socrático como a matriz do método irônico. Sendo a ironia de grande importância para o processo de construção de seu conceito de subjetividade.

Ainda contrapondo aos sofistas que tinham a prática da oratória como se “fosse uma profissão”, Sócrates nada deixou escrito, pois, para ele, o escrever já seria uma forma de bloquear ou estagnar o conhecimento vivo. Até porque, quem lê um texto tem acesso ao conhecimento de alguém, mas na ação de interpretá-lo, já o modifica. Sócrates era tão zeloso com seu conhecimento, que no ato a maiêutica já corrigia interpretações hermeneuticamente erradas dos assuntos tratado por ele e seus interlocutores. Assim, é possível dizer que a ironia é uma força negativa a serviço de uma ideia positiva, mas para que ela exista entre essas duas funções contraditórias, é preciso que seja um gesto que anule a si mesmo, ou mesmo que desacredite aquilo mesmo que se defende. Por isso, é a opção do nada socrático, do saber que nada sabe a melhor opção que emerge dessa ironia antiga.

A ZONA LIMITE DA IRONIA

Que é, pois, a ironia se se quiser chamar Sócrates de ironista e não como Magister Kierkegaard (Em sua dissertação sobre ‘O conceito de Ironia’ de 1841) ao colocar em relevo consciente ou inconscientemente, senão, um só aspecto? A ironia é a unidade da paixão ética, que acentua, infinitamente na interioridade o próprio eu, em relação à exigência ética (KIERKEGAARD apud REICHMAN, 1963, p. 154).

O título da *zona limite da ironia* está presente como um dos subtópicos da obra *Postscriptum*. Retomamos essa expressão, pois vamos nos valer de algumas referências dessa relação entre ironia e humor como pressuposto da suposta passagem entre ironia e ética, contudo, não é nosso objetivo no presente artigo fazer uma análise mais minuciosa do humor.

A dualidade presente no pensamento de Kierkegaard está presente na oposição entre pensamento e palavra, a ironia é, nesse contexto, uma determinação da subjetividade que leva em conta o indivíduo na sua tarefa de se tornar um ser livre, seja no pensamento ou na existência. Nesse processo, que consiste em dizer o contrário do que pensa “O fenômeno não é para manifestar a essência” (KIERKEGAARD, 1991, p. 204), mas, sim, ocultá-la, mesmo que a essência se identifique com o fenômeno. A ironia dessa constatação é que o caráter irônico, na qual a ironia supera a si mesma, também anula a si mesma, na espera da

As ironias do conceito socrático em Kierkegaard

ROCHA, G.K.; SILVA, E. A.

resposta que já se sabe, mas que muitas vezes não importa. Um exemplo disso, é o dizer o que se pensa em tom sério o que normalmente não é pensado seriamente, e, vice-versa, sempre pelo lado irônico. Contudo, isso não era visto como algo “bom” pelos interlocutores de Sócrates, o que leva a crer que, por esse motivo, Kierkegaard entendia a subjetividade da ironia de Sócrates como negativa.

A ironia socrática [...] é apresentada como um poder de aniquilação absoluta que não dá nada e, portanto, não deixa nada para trás. Não existe “ideia positiva”; nada permanece após a “infinita negatividade absoluta” da ironia, nem mesmo o ironista, que está longe de “controlar” o poder da negatividade (OUBINHA, 2013, p. 95).

Assim, a ironia de Sócrates é manifesta na relação da palavra (fenômeno) se posicionando em oposição ao pensamento (essência). Vale dizer que no jogo irônico, o sujeito é negativamente livre, pois se o seu enunciado não corresponde ao seu pensamento, este vai sendo, pois, distorcido do sentido imediatamente pretendido. Então, é nesse movimento que se verifica até mesmo uma maior complexidade entre a afirmação de que o ser é o pensar. Já que essa forma de filosofar se trata do jogo de movimento infinito com a realidade, é nesse ponto onde consistia a medida em que Sócrates fingia ser ignorante no intuito de ensinar os outros e combater os sofismos, arruinando, indiretamente, a ordem existente. O “fingir saber quando se sabe que não sabe como fingir não saber quando se sabe que se sabe” (KIERKEGAARD, 1991, p. 218).

O conceito de jogo, bem como o próprio ato de jogar, de se envolver na dialética de forma esperta e eficaz na busca pelo desenvolvimento da verdade, é fundamental, visto que o jogo é envolvente e fascinante, é um convite a adentrar dentro do ‘cubo chinês’ kierkegaardiano. Este que se coloca sempre como um jogador em seus textos. No jogo de “esconde-esconde” que consiste em sair para procurar os esconderijos dos outros jogadores, se colocando como eles heteronimicamente, exige-se de quem procura estratégias para sair do labirinto, também a ação de se esconder, de forma que possa se observar e esperar qualquer movimentação dos adversários, e assim seja possível encontrar uma pista para encontrar seus esconderijos. Essa brincadeira de criança representa bem o jogo da dialética irônica de Kierkegaard, uma brincadeira que é levada à sério, pois é na verdade um jogo sobre

As ironias do conceito socrático em Kierkegaard

ROCHA, G.K.; SILVA, E. A.

a seriedade³. Na medida em que é possível descobrir ou desenvolver estratégias para entender o pensamento de sua subjetividade, que é tão exposta quanto escondida, em seus textos com seus vários autores fictícios ou não que se apresentam no texto.

Sobre linguagem irônica Kierkegaard diz: “Quanto mais a ironia se fizer onipresente, mais livre e poeticamente o poeta flutuará suspenso sobre sua obra poética, a ironia liberta ao mesmo tempo a poesia e o poeta” (KIERKEGAARD, 1991, p. 275). Ressalta ainda o autor dinamarquês: “O que às vezes custa tempo ao irônico é o esmero que ele emprega para vestir a roupa correta, adequada à personagem que ele mesmo inventou de ser. Neste aspecto o irônico entende do assunto e possui um lote considerável de máscaras e fantasias à sua livre escolha” (KIERKEGAARD, 1991, p. 244).

Pelo que foi até aqui discutido, entende-se que o conceito de ironia de Kierkegaard se redimensiona entre a palavra e a poética transformando a escrita em um instrumento de rebeldia e libertação, perante seus questionamentos de ser no mundo. É importante ressaltar que existem interpretações que desclassificaram a ironia kierkegaardiana como uma ação especulativa, justamente pelo seu caráter descontrolado. Contudo, é preciso distinguir que em sua paródia hegeliana de uma infinita absoluta negatividade, sua ironia *sensu eminentiori* se apresenta aparentemente a ironia como infinita, mas não é em si uma infinitude que trata a subjetividade, mas sim da negatividade absoluta. Ou seja, da forma que a ironia controla a retórica sofisticada e a lança para o nada, cancelando o intuito de “tudo” saber.

A dualidade presente no pensamento de Kierkegaard está presente na oposição entre pensamento e palavra, levando o indivíduo a se tornar um ser livre, mas que não é a consequência de uma ação “boa”, mas sim da formação autêntica da sua subjetividade. Para Kierkegaard a subjetividade da ironia de Sócrates é negativa e é positivada na formação da autenticidade, por sua maneira peculiar e genuína de construir sua singularidade, é aí que se aproxima do humor cristão.

O que justifica o humor é justamente seu lado trágico, sua reconciliação com a forma, cujo desespero, se bem não conheça nenhuma saída, quer fazer abstração. A ironia é justificada diante do imediato porque o

³ “Kierkegaard diz que a edificação é seriedade (*Alvor*), isto é, um cuidado com a realidade, pois a realidade concreta se dá com a relação com o próximo, e nisso o indivíduo mostra que na sua relação com a subjetividade há uma grande importância da maneira como o outro influencia a edificação desse indivíduo. Logo, muitas vezes o sujeito tenta se libertar dos paradoxos entre sua maneira de se conceber no tempo e as assujeitamentos que recebe da sistemática das inter-relações, de forma que se mostra necessário exercitar-se na tarefa do tornar-se” (ROCHA, 2015, p. 633).

As ironias do conceito socrático em Kierkegaard

ROCHA, G.K.; SILVA, E. A.

equilíbrio não enquanto abstração, mas enquanto arte de existir, é mais elevado que a imediação. Uma ironia total, válida uma vez por todas, como uma ideia a preço mostrada no papel é, como toda abstração, justificada diante de cada esfera da existência. Com efeito, a ironia é uma abstração e uma conexão abstrata, mas a justificação do ironista existente consiste no fato de que exprime existindo o que vive em seu interior. (KIERKEGAARD apud REICHMANN, 1963, p. 162).

Separados por quatro séculos um do outro, tanto o Cristo como Sócrates foram incumbidos de promover a bondade e a verdade levando as pessoas a refletirem sobre as suas ações se eram boas, verdadeiras ou não. Cristo, por sua vez, ministrava pessoas na intenção de conduzi-los a seguirem o caminho da salvação de suas almas. Ambos buscavam uma reflexão onde as pessoas pudessem examinar a si mesmas, Cristo e o cristianismo estão ligados a ideia de humor e Sócrates evidentemente à ironia.

Não se pode perceber o humor até nas palavras do Nazareno, quando afirma haver mais alegria no céu por um pecador que se arrepende do que por noventa e nove justos que não necessitam de penitência? Se podemos reconhecer o humorista pelo sorriso velado de tristeza, é pelo fato de haver um sofrimento escondido por trás do humor, sofrimento não provém de nenhuma causa exterior, mas é inerente ao próprio fato de existir (FARAGO, 2006, p. 40-41).

Uma aproximação dessa questão está em como o indivíduo encara a morte. No diálogo de *Fédon* ou *Eutífron*⁴ de Platão, é possível entender Sócrates na ocasião de sua morte, o entendimento de sua reflexão sobre a alma e a morte. Embora não tivesse certeza da imortalidade da alma, nutria a esperança de uma vida após a morte que fosse melhor às pessoas justas do que para as más, Sócrates, estava convencido de que sua missão tinha encerrado, negando o desejo de seus discípulos de fugir de sua sentença.

No Novo Testamento, Cristo é retratado em confronto com escribas e doutores da lei conhecidos como fariseus, que insistiam na estrita observância das práticas e cerimônias religiosas. Em estudos comparativos

⁴ Pode-se ver uma ironia clara nesse diálogo, quando “Sócrates vai ao tribunal em Atenas para cuidar dos trâmites do processo movido contra ele, e lá encontra Eutífron, um conhecido. Os dois se saúdam e perguntam um ao outro que assuntos os levam ao tribunal. Para o espanto de Sócrates, Eutífron explica que está processando seu próprio pai. Nem é preciso dizer que isso é muito incomum, especialmente na Frécia antiga onde o respeito filial era um valor consagrado. Sócrates percebe imediatamente a óbvia contradição [...] mas em vez de apontar essa contradição, ele finge presumir que deve haver algo que ele não entendeu e que Eutífron deve ter algum conhecimento especial sobre esse assunto” (STEWART, 2017, p. 29, tradução nossa).

As ironias do conceito socrático em Kierkegaard

ROCHA, G.K.; SILVA, E. A.

como o de Baur⁵, frequentemente se traçava um paralelo entre o conflito de Cristo com os fariseus e o conflito de Sócrates com os sofistas. [...] Aqui a conexão é clara: Sócrates é como Cristo, e os sofistas são como os fariseus. Assim, apesar de Sócrates ser um filósofo pagão, ele apresenta alguns importantes pontos em comum com a mensagem de Cristo que Kierkegaard crê que foram esquecidos (STEWART, 2017, p. 133, tradução nossa).

Cristo, por sua vez, ao ser condenado a morte, não se recusou a enfrentar a tal morte, mas a aceitou, como sendo morte redentora a todos seus discípulos. Ao contrário de Sócrates, que tinha certeza da imortalidade da alma e na existência de um lugar melhor, onde todas as almas poderiam encontrar descanso.

AS IRONIAS DO SOCRATISMO

Basta dizer que, como alguém profundamente influenciado pela visão de Hamann⁶ sobre Sócrates, Kierkegaard apresenta a ironia socrática como os primórdios da base para a evolução do diálogo entre positividade e negatividade, exterioridade e interioridade, do sujeito e da linguagem (SILVA, 2013, p. 107).

Para compreender a visão de Sócrates da ironia, já que este não deixou nada escrito, Kierkegaard fez um minucioso estudo hermenêutico nos escritos das principais referências escritas de Sócrates: Platão, Xenofonte e Aristófanes. Na procura de distinguir o que é essencialmente socrático nesses autores, e sobre a sua filosofia irônica, buscou-se fazer uma análise da ironia de Sócrates.

De acordo com Kierkegaard, a visão de Xenofonte⁷ de Sócrates aparece sempre em uma diferença frente aos livros sinóticos dos evangelhos, pois eles retratam de maneira real

⁵ A obra de citada é do teólogo alemão Ferdinand Christian Baur *Sobre o cristianismo no platonismo: Sócrates e Cristo* de 1837.

⁶ Não vamos nos concentrar nessa investigação, visto que a tese da Prof. Ilana do Amaral já fornece muitas pistas, nesse sentido, ela mesma afirma que “Sobre a distinção entre o humor de Hamann, esta negatividade cuja vitalidade lhe permite [...] apropriar-se ‘da ideia’ de ‘modo subjetivo’ e a ironia” (AMARAL, 2008, p. 154). A autora quer dizer que mais ainda do que um socratismo de Hamann, Kierkegaard também herda a relação da ironia com o humor.

⁷ “Nem poeta nem filósofo, Xenofonte não vê a menor diferença entre o exterior e o interior, entre a forma e o conteúdo da mensagem socrática, e se agarra à vida prática em suas manifestações visíveis” (POLITIS, 2009, p 67, tradução nossa).

As ironias do conceito socrático em Kierkegaard

ROCHA, G.K.; SILVA, E. A.

e fiel a existência de Cristo. Já em Sócrates, só foi perceptível sua maneira de existir através da verbalização (fala para que eu te veja - *loquere ut videam te*). Com suas palavras, Sócrates só se deixava ser mal compreendido enquanto transmitia sua vida através de sua subjetividade.

Esse fato pode ser o motivo pelo qual Xenofonte comete grandes erros. A intenção de Xenofonte de querer desmistificar a imagem da ameaça política que Sócrates representava um não aprofundamento na sua filosofia, e, desvalorizando a prática da conversação adotada por Sócrates, no tocante a isso, pode ser considerada superficial. Xenofonte não dá atenção aos diálogos e a construção de réplicas que são de importância crucial ao sentido da conversação. Kierkegaard criticou Xenofonte por este ter feito uma interpretação empírico-histórica de Sócrates, na qual suas interpretações tornaram o Sócrates “Bom”, ou seja, tiraram toda malícia de Sócrates.

Pois Xenofonte o defende de tal maneira que Sócrates se torna não apenas inocente, mas completamente inofensivo, de modo que a gente fica profundamente assombrado, perguntando-se qual demônio teria enfeitado a tal ponto os atenienses que eles puderam ver nele mais do que um sujeito bonachão, conversador e engraçado, que não fazia mal nem bem, que não prejudicava a ninguém, e que no fundo do coração só queria bem a todo mundo, contanto que quisessem escutar a sua conversa fiada (KIERKEGAARD, 1991, p. 28).

Para Kierkegaard, essa visão de Sócrates o prejudicou, pois tirou toda complexidade e subjetividade da filosofia e de certa forma também tirou dele o mérito de ter sido um Filósofo que foi acusado de “corromper a juventude”. Em outras palavras, tiraram dele o mérito de ter feito vir à luz da verdade aos atenienses e de o ser também o pai da ironia. Por isso, Kierkegaard até se aproximou de Hegel⁸ em sua forma de entender a ironia de Sócrates. Contudo, se Kierkegaard considerou o texto de Xenofonte insuficiente para compreender Sócrates, é porque era preciso ter uma atenção melhor ao texto de Platão e Aristófanes.

Aristófanes, ao mostrar a idealidade em seu ângulo negativo, não a apresenta simplesmente como o outro lado da idealidade platônica positiva. O negativo Aristófanes é mais drástico. Aos olhos de Kierkegaard, o Sócrates sofisticos de *As Nuvens*, longe de ser um vago esboço do Sócrates amigo da Ideia, aparece como um indivíduo solitário

⁸ “A ironia é - como dizia Hegel em quem Kierkegaard se inspira neste ponto - a concentração do eu no eu para o qual todos os vínculos estão rompidos, condenado a viver no gozo vão de seu próprio nada” (FARAGO, 2006, p. 40).

As ironias do conceito socrático em Kierkegaard

ROCHA, G.K.; SILVA, E. A.

dobrado sobre si mesmo, cuja arma não é a dialética filosófica (ou especulativa) unificadora, mas a dialética estrita negativa que ordena e divide. O Sócrates de Aristófanes, sendo mais rude do que os sofistas, é assim o supremo sofista. Ele é dotado de uma inteligência abstrata, neutra em relação ao bem e ao mal. Deste modo, a compreensão e a vontade são dissociadas em favor da possibilidade indiferente. Ele não se afasta de uma neutralidade inteligente em relação ao bem e ao mal, embora uma vontade corrupta possa facilmente tornar essa inteligência sua cúmplice ativa. No entanto, mesmo neste pensamento socrático-aristofânico o burlesco e perturbador, permanece-se no contexto grego ou o “pecado” é ignorância (portanto, não é pecado) (POLITIS, 2009, p. 87, tradução nossa).

Como Platão, Aristófanes também faz uma captura ideal de Sócrates, só que de modo invertido, Platão é de uma idealidade trágica, Aristófanes é cômica, enquanto o personagem platônico idealiza a sua exaltação, o Sócrates aristofânico idealiza a sua depreciação.

Kierkegaard diz: “Platão e Aristófanes têm, então, isto em comum: suas exposições são ideais, mas em relação recíproca, inversa, pois Platão tem a idealidade trágica e, Aristófanes a cômica” (KIERKEGAARD, 2006, p. 109).

Tratando-se de um poeta e de um bom humorista, Aristófanes tinha por intenção sarcástica ridicularizar Sócrates. Na peça de teatro *As Nuvens*, escrita por Aristófanes, Sócrates é apresentado como o principal líder dos Sofistas, opondo-se a Platão que o apresenta como alguém que é contrário aos hábitos sofistas, nele há a idealidade trágica, heroica, configurando uma imagem positivamente ideal; Aristófanes habita a idealidade cômica, caricatural, desenhando um Sócrates negativamente ideal. Na obra, Sócrates aparece como sendo de caráter duvidoso, trapaceiro, esperto, um sofista ateu⁹ e blasfemador que abusa da credulidade dos seus alunos fazendo-os dissertar sobre assuntos mais fúteis que os deuses, mesmo se tratando do céu, daí o nome *As Nuvens*.

Como sabemos, Platão, Xenofonte foram ambos alunos de Sócrates e escreveram diálogos nos quais apresentaram seu amado professor como principal interlocutor. Já Aristófanes fez paródia de Sócrates de maneira humorística na comédia *As nuvens*. Ao comparar e contrastar essas fontes antigas, Kierkegaard pretende chegar à imagem verdadeira de Sócrates. A perspectiva que Kierkegaard constantemente realça ao longo de sua análise é a de que Sócrates não tinha nenhuma doutrina ou teoria filosófica, mas simplesmente refutava o que outros diziam, sem apresentar qualquer alternativa construtiva. Nesse sentido, Sócrates representa uma força negativa e destrutiva. Kierkegaard não quer dizer que Sócrates é negativo no sentido que usamos hoje para nos referirmos a alguém que tem um

⁹ “Quanto a Sócrates ser um ateu que rejeitava os deuses do Estado, Kierkegaard alega que isso foi baseado em um mal-entendido” (STEWART, 2017, p. 77, tradução nossa).

As ironias do conceito socrático em Kierkegaard

ROCHA, G.K.; SILVA, E. A.

temperamento negativo, isto é, pessimista. Sócrates é negativo porque solapa a posição dos outros, mas ele mesmo se recusa a apresentar uma tese ou doutrina positiva (STEWART, 2017, p. 26, tradução nossa).

Para Kierkegaard, a intenção por detrás da idealidade cômica reside na comparação entre o ideal e o empírico. Na comédia, o ideal consiste no dado proposto pela sociedade e a contradição a respeito da realidade de um Sócrates sofista.

Conceber apenas a realidade empírica de Sócrates, apresentá-lo na cena tal qual ele era na vida teria estado abaixo da dignidade de Aristófanes e teria transformado sua comédia num poema satírico; por outro lado, idealizá-lo numa tal medida que ele afinal se tornasse irreconhecível teria ficado completamente fora do interesse da comédia grega. Que esta segunda hipótese não ocorreu, a própria Antiguidade nos testemunha, pois ela relata que apresentação d'as *Nuvens* foi honrada com a presença do crítico que neste mundo era o mais rigoroso, o próprio Sócrates, o qual, para diversão do público, levantou-se durante a apresentação, a fim de que a multidão reunida no teatro pudesse convencer-se da semelhança devida (KIERKEGAARD, 1991, p. 109).

Na obra *As Nuvens*, o velho Senhor Estrepsíades que por um casamento insensato e por ter um filho extravagante se ver mergulhado em dívidas. Na intenção de desenvencilhar-se dos credores, Estrepsíades se matricula na escola de Sócrates, a fim de aprender as artimanhas dos sofistas pelo poder da persuasão, porém, logo desiste das aulas, por não conseguir compreender os ensinamentos de Sócrates. Mas convence seu filho Fidípides a assistir às aulas do Sábio Sócrates.

No entanto, o pai se arrepende disso, pois Fidípides se envaidece por possuir uma dialética aprendida com o mestre Sócrates. Estrepsíades ao ser levado ao tribunal, com toda esperteza de Fidípides, relativiza o que é considerado moral, convence aos juízes de que Estrepsíades é inocente. No entanto, Fidípides por ter se tornado o verdadeiro “sofista” já não olha o velho pai com respeito, mas o desafia, e, assim, se volta contra o pai chegando a agredi-lo, sob a justificativa de que isso era justo.

Indiretamente Aristófanes sublinhou um Sócrates com belezas, alegria e harmonia, na busca de tratar de suas virtudes e defeitos de maneira cômica e lúdica, mostrando, como o brilhante pensador, Sócrates, conseguiu chegar às conclusões, quebrando preconceitos, para o desenvolvimento do pensamento e da reflexão.

As ironias do conceito socrático em Kierkegaard

ROCHA, G.K.; SILVA, E. A.

Para Kierkegaard, o trágico e o cômico¹⁰ são representações do negativo, presentes no fenômeno, o negativo representado na tragédia como poesia e na comédia como ironia.

Com Xenofonte pode-se por isso de bom grado admitir que Sócrates gostava de perambular e falar com todo tipo de gente, porque qualquer coisa ou evento exterior serve de pretexto ou ocasião para aquele irônico que tem sempre uma resposta pronta; com Platão, pode-se de bom grado deixar Sócrates tocar a ideia, só que a ideia não se abre para ele, sendo, pelo contrário, um limite. Cada um desses dois apresentadores procurou, naturalmente, completar o que faltava em Sócrates. Xenofonte puxando-o para baixo até as rasteiras do utilitário, Platão elevando-o até as regiões supraterrrestres da ideia. Mas o ponto que se situa no meio, imperceptível e extremamente difícil de fixar é a ironia [...]. A ironia oscila entre o eu ideal e o eu empírico; um faria de Sócrates um filósofo; o outro, um sofista; mas o que o faz ser mais do que um sofista é o fato de que seu eu empírico tem validade universal (KIERKEGAARD, 1991. p.108).

Kierkegaard questiona até onde a filosofia é de caráter socrático ou platônico, mesmo admirando Platão como um grande discípulo de Sócrates, se faz necessário, diferenciar o que seria o socrático e platônico. Embora Kierkegaard critique a Platão, prefere a sua visão de Sócrates que a dos outros, pois Platão compreende melhor a questão de dialética e subjetividade de Sócrates. Platão se distingue de Xenofonte, fundamentalmente pela idealidade, enquanto Xenofonte é empírico-histórico, Platão é poético, eleva Sócrates à condição de um messias do pensamento.

Para falar da visão filosófica de Platão sobre Sócrates de maneira mais detalhada recorreremos a *Apologia de Sócrates*, que conta como foi sua condenação à morte que concerne à análise de Kierkegaard.

A IRONIA DO DESTINO

Na *Apologia*, Kierkegaard absorve a intencionalidade irônica como método de conversação, de modo que, a ideia de dialética aparece como realidade, como ponto de vista

¹⁰ É possível que o cômico seja a correta representação da ironia em relação ao humor, por essa via, Kierkegaard esclarece que “a lei do cômico é bem simples: existe por toda parte onde há contradição e onde a contradição não é dolorosa pelo fato de que se vê que ela é suspensa, pois se o cômico não suspende a contradição (ao contrário, ele a torna manifesta) ao menos o cômico justificado é capaz disso” (KIERKEGAARD apud REICHMANN, 1978, p. 163).

As ironias do conceito socrático em Kierkegaard

ROCHA, G.K.; SILVA, E. A.

de “estado espiritual”. Platão apresenta Sócrates como jocoso, mesmo em meio a sua condenação, vive por ironizá-la até mesmo diante da morte. É como se a ironia cantasse sua liberdade e dissesse “a tudo irei ironizar, incluso minha própria acusação”.

Não há dúvida, porém, que a ironia constantemente referida a Sócrates ensina ser processo começar aprendendo a se conhecer a si mesmo. Este é o preceito ao qual toda outra conquista deve ser subordinada. As opiniões, as crenças, as concepções dos outros, tudo aquilo que recebemos através da educação, desde a mais tenra infância, tudo isto deve passar diante do tribunal da autenticidade da vida interior, porque a ironia mais terrível, a ironia da vida alcança sempre aquele que não se encontrou a si mesmo, contaminando com a incerteza todos os seus empreendimentos ou, ao contrário, fazendo-lhe constantemente sentir um contentamento indébito consigo mesmo ou, então, um desespero desmesurado que nada justifica (FARAGO, 2006, p. 40-41).

A ironia presente em Sócrates, ao se posicionar a procura de um alguém que fosse mais sábio que ele para provar que o oráculo estava errado, o coloca no fenômeno em que a ironia dá a entender que o próprio oráculo tenha feito Sócrates procurar esse “Sábio”, provando, assim, que o oráculo é irrefutável. E Sócrates fica então no que é chamado de negativo.

É por isso que é importante reservar ao termo abstrato “Sócrates socrático” o negativo (que sempre implica uma relação com o positivo, se este último é determinado ou ainda indeterminado) do que é para o Sócrates de Platão ou, melhor, para o discurso platônico em algumas de suas ocorrências. De fato, assim como o mítico pode às vezes, como aparece nos primeiros diálogos, ser “a indicação de uma especulação mais abundante”, então o negativo pode ser o índice de um positivo que prepara ou para o qual ele convida; mas o resumo se abre para nada além de si mesmo, em uma “infinita transparência desprovida de forma” (POLITIS, 2006, p. 81, tradução nossa).

Qual é a relação da ironia e a morte? Na ocasião de sua própria condenação, é a mesma postura diante da morte e do amor. Sócrates se utiliza da morte como uma oportunidade para reflexão. Como pode Sócrates de forma tão corajosa enfrentar a morte? Seria velhice ou a desilusão, não tinha nada a perder? Sócrates encara a morte como sendo algo que vem a ele de modo natural e não algo por ocasião de sua condenação, sentença, que ele mesmo poderia tentar reverter. O ápice de seu legado, como o encerramento de sua carreira, como que sua missão já tivesse sido encerrada. Sócrates não teme a morte visto que não a conhece,

As ironias do conceito socrático em Kierkegaard

ROCHA, G.K.; SILVA, E. A.

neste sentido, ela vem a ser algo positivo; o irônico sente-se bem com isto, acostumado que está a aporia como *pathos* da ideia; mas sente-se bem, sobretudo, por encontrar o ponto crítico perfeito para sua própria concepção filosófica na qual a morte é um resultado positivo de todo o aspecto negativo da ausência de sentidos *a priori* da vida. É um momento que sua filosofia serve para provar o problema da existência, daí então à medida que supera as limitações empíricas e as contingências.

Enfim, a *Apologia* é uma grande demonstração irônica de Sócrates. Pois ali se transforma a sua acusação em um Bem, a morte em um Favor, e, por fim, a própria condenação como um desígnio de Deus. Redistribuindo todos os papéis atenienses, todos os valores morais e jurídicos, transformando toda a situação presente na sua grande provação filosófica. Sócrates diz:

Vejamos a coisa também deste ponto, pelo qual tenho grande esperança que morrer seja um bem. Morrer é uma destas duas coisas: ou não ser mais nada e quem morreu não tem sentimento de mais nada, ou ainda, como dizem alguns, é uma espécie de mutação e de migração da alma deste lugar para um outro. Ora, se morrer equivale a não mais ter sensações e é como um sono sem sonhos, é um ganho maravilhoso, a morte. [...] por outro lado, se a morte é como a mudança daqui para um outro lugar e se é verdade que nesse lugar, como contam, podem ser reencontrados todos os mortos, qual bem, ó juízes, poderá ser maior que este? (PLATÃO, 1980, p. 26-27).

Nisto vemos a relação que existe entre ironia e morte Sócrates, que não é dizer que o absoluto é um elemento mortífero, sobre isso Sócrates diz:

[...] todo o longo discurso que acabo de fazer para vos demonstrar que, ao beber o veneno, não permanecerei convosco, mas que vos deixarei e irei gozar felicidade e bem-aventurança, parece-me ter sido inútil para Críton, com se não houvesse falado mais para consolar-vos e a mim (PLATÃO, 1977, p. 174-175).

A verdade é que a morte é o limite do negativo, e como a morte é o único destino¹¹ certo de todo ser humano, só é possível fazer do filosofar um aprender a morrer com algum retoque de ironia.

¹¹ “Ao fazer do Destino um poder quase externo que reina sobre o significado, é fácil ver - e o exemplo da tragédia está lá para mostrar - que uma posição é irônica naquela que acentua a ambiguidade dos fenômenos e que nunca tenha a sensação de que concedemos o sentido pela primeira vez” (VERGOTE, 1983, p. 378).

As ironias do conceito socrático em Kierkegaard

ROCHA, G.K.; SILVA, E. A.

Um tal sono da alma e um tal nada só podiam mesmo agradar mais do que qualquer coisa o irônico, que possui aqui, aliás, o absoluto à relatividade da vida, mas um absoluto tão leve que ele não tem dificuldades para segurá-lo, dado que o possui sob a forma do nada (KIERKEGAARD, 2006, p. 79).

No fim da vida de Sócrates, a ironia é consumada, pelo diálogo *Fédon* é possível retomar a ironia, finalmente, quando se vence a morte como um castigo, e se entende como uma libertação, isso é o “positivo”. Sócrates é irônico antes de morrer, ao pedir a Críton para que este pagasse o galo à Asclépio, dando fim ao seu ‘drama’. Nietzsche, por exemplo, interpretou que nesse pedido houve uma valorização negativa da vida pelo ponto de vista filosófico, pois dar um galo a Asclépio significava render-lhe homenagem pela cura: Sócrates estava, enfim, curado da vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A curta seção final de *O conceito de ironia* é intitulada “A ironia como um elemento controlado, a verdade da ironia”. Essa seção tem gerado muita controvérsia na literatura secundária. Ela parece ser a apresentação de Kierkegaard de sua própria perspectiva sobre o uso adequado e apropriado da ironia. Era impossível para Kierkegaard retornar à antiga Atenas e usar a ironia do mesmo jeito que Sócrates usava, já que o contexto histórico e cultural mudou radicalmente desde aquela época (STEWART, 2017, p. 27, tradução nossa).

O presente artigo, pretendeu estabelecer um estudo ironicamente hermenêutico, ou melhor, existencial, sobre Sócrates, e, com isso, nos deparamos em vários aspectos com a possibilidade ética da ironia. Em termos teóricos, conseguimos perceber que entre as várias facetas da ironia há uma abertura para o humor e o cômico. Apesar de não nos aprofundarmos nessa questão, sabemos que o cômico, tem um aspecto, uma expressão sofisticada de uma abstração pura que tende a destruir o sério [*Alvor*].

Por conta dessa questão, é bom lembrar mais uma vez o que a ironia tem em relação com a seriedade.

Se a ironia é a brincadeira por trás da seriedade, designando ao finito aos seus exatos limites, a sua relatividade, o humor é para aquele que logo se habituou a dissimular a melancolia sob uma euforia fingida, a seriedade por trás da brincadeira. Mas o humor surge igualmente naquele que

As ironias do conceito socrático em Kierkegaard

ROCHA, G.K.; SILVA, E. A.

contempla a realidade em todas as suas contradições (FARAGO, 2006, p. 40-41).

Segundo Henri Vergote, em seu Tomo II de *Sens et Repetition*, dentro dessa querela da antiguidade de uma ironia e de uma comicidade que varia entre os sofistas e os socráticos, foram os socráticos menores, principalmente os cínicos que melhor absorveram o legado socrático de converter a ironia em humor, ainda que de maneira pagã, liberando do fenômeno um novo modo de leitura do sentido. “É certo que, além dos cínicos e outros ‘pequenos socráticos’, vimos na ironia, apenas essa mudança de perspectiva que faz do indivíduo o lugar onde o divino e o significado de mundo acontecem” (VERGOTE, 1982, p. 378, tradução nossa). Desse modo, podemos concluir que há muito ainda que se investigar acerca das relações filosóficas entre a ironia na antiguidade, cristianismo e modernidade, evidentemente, por meio da apreensão na filosofia kierkegaardiana.

Como uma estratégia final de arguição, podemos fazer uma ponte entre o que Hélène de Politis e Jacob Hownland traçam da importância espiritual da ironia na relação Sócrates/Cristo. Para Politis, é preciso encontrar as determinações viáveis da ironia, na qual a ironia socrática é a descoberta da subjetividade abstrata, inseparável da moralidade e das normas éticas numa perspectiva da ironia como fenômeno social da linguagem. Nessa ultrapassagem da ironia ou, melhor, esse deslocamento da ironia ao humor implica uma compreensão sem precedentes de relações entre o ideal e o real, entre o infinito e o finito, entre ser e o assunto. Esta é a compreensão autenticamente kierkegaardiana. A ironia é a ruptura com a adesão às convenções. O mais importante é sempre se lembrar de rir de si e do mundo, e, com essa alegria enfrentar a tragicomédia da vida. Tanto que Politis afirma que

Grande como era a sua dissimilaridade, Cristo e Sócrates tinham este ponto em comum: nenhum deles escreveu, mas suas vidas foram fonte de múltiplas exegeses. Kierkegaard que, a fim de melhor tomar a medida de sua fé cristã, com a rigorosa peneira do paganismo, fez da ironia socrática a pedra de toque (não o critério) de discurso verdadeiro, foi no sentido forte desta palavra um *escritor* ou, melhor ainda, um *escrito* (POLITIS, 2006, p. 14, tradução nossa).

Já Jacob Hownland pode nos fornecer uma conclusão para estudos e aprofundamentos futuros que complementa essa ideia de Hélène Politis, quando coloca a ironia do destino de Sócrates e Cristo unidos no fenômeno daquilo que se auto-revela, mas

As ironias do conceito socrático em Kierkegaard

ROCHA, G.K.; SILVA, E. A.

ao mesmo tempo se oculta. Essa é também a relação entre morte e amor que comentamos, e precisamente porque a vinda de Deus tem uma duplicidade irônica.

Ainda não está claro onde a analogia com a ironia socrática se desfaz. A servidão é a verdadeira forma do Deus que não pode significar que é a verdadeira verdade sobre Ele mesmo. A descida do Deus introduz a duplicidade, e com isso ironia. [...] À primeira vista, isso parece ser estruturalmente a mesma tarefa que confronta aqueles que procuram entender Sócrates. Sócrates expressa seu amor na forma de ignorância, mas sua aparência não é toda a verdade: Sócrates é e não é apenas o que ele parece ser. Deus expressa seu amor na forma do servo, mas a aparência do Deus também não é toda a verdade: ele também é e não é apenas o que ele parece ser (HOWLAND, 2006, p 94-95, tradução nossa).

Deus se revela ao não se revelar e essa afirmação profundamente paradoxal é bem análoga aos conceitos de ironias vividos por Sócrates, interpretados por seus próximos na Grécia e reunidos existencialmente na alteridade experimentada pelo *Magister Kierkegaard*.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Ilana. **O 'Conceito' de Paradoxo (Contantemente referido a Hegel)** - Fé, história e linguagem em S. Kierkegaard. Tese de Doutorado. São Paulo: PUC, 2008. 247 f.
- FARAGO, France. **Compreender Kierkegaard**. Tradução de Ephraim Alves. Petrópolis: Ed. Vozes, 2006.
- GOUVÊA, Ricardo. **Paixão pelo paradoxo: Uma introdução a Kierkegaard**. São Paulo: Fonte Editorial, 2006.
- HOWLAND, Jacob. **Kierkegaard and Socrates: A study in philosophy and faith**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- KIERKEGAARD, Søren. **O conceito de Ironia constantemente referido à Sócrates**. Tradução de Álvaro Valls. Petrópolis: Editora Vozes, 1991.
- _____. **Ponto de vista explicativo da minha obra de escritor: uma comunicação direta, relatório à História**. Tradução de João Gama. Lisboa: Edições 70, 2002.
- OUBINHA, Oscar. Loquere ut Videam: “Guilty?/‘Not Guilty?’” and The writing of irony. IN: JUSTO; SOUSA; ROSFORT. **Kierkegaard and the challenges of infinitude – Philosophy and literature in Dialogue**. Lisboa: CFUL, 2013.

As ironias do conceito socrático em Kierkegaard
ROCHA, G.K.; SILVA, E. A.

REICHMANN, Ernani. **Soeren Kierkegaard**: Textos selecionados. Curitiba: Editora Imprensa Universitária, 1978.

_____. **Intermezzo lírico-filosófico**: Carta a Carlos Galvez. Curitiba: Edição do autor, 1963.

SILVA, Fernando. A subjectivity raised to the second power – Kierkegaard’s view of Schelegel’s Concept of Irony. In: JUSTO; SOUSA: ROSFORT. **Kierkegaard and the challenges of infinitude**: Philosophy and literature in Dialogue. Lisboa: CFUL, 2013.

STEWART, Jon. **Søren Kierkegaard**: subjetividade, ironia e a crise da modernidade. Tradução de Humberto Souza. Petrópolis: Vozes, 2017.

PLATÃO. Apologia de Sócrates. In: **Os pensadores**. Tradução de Jaime Bruna. 2ª Ed.. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

_____. **Diálogos**: Eutífron – Apologia de Sócrates – Críton – Fédon. Tradução de Marcio Pugliesi. São Paulo: Hemus, 1977.

POLITIS, Hélène. **Le concept de philosophie constamment rapporté à Kierkegaard**. Paris: Editions Kimé, 2009.

VERGOTE, Henri. **Sens et Repetition**: essai sur la ironie kierkegaardienne. Paris: Cerf/Orante, 1982.